

(...)

Este é um caso típico de eventos jornalísticos com os quais teremos que defrontar no futuro e onde os profissionais não poderão assumir que estão publicando a verdade. Há muitas verdades em torno do mesmo fato e nós somos incapazes de reproduzir ou contextualizar todas elas.

O caso de bin Laden mostra de forma clara como o jornalista tem sempre duas opções a tomar diante de cada fato com que se defronta: acreditar e assinar embaixo das versões ouvidas, ou adotar uma postura crítica, consciente de que não existe uma verdade absoluta.

O dever da liberdade

Eugênio Bucci

25 de agosto de 2011. nº 656, ano 16¹⁶¹

Este texto se utiliza de trechos de dois artigos que publiquei anteriormente. O primeiro, chamado "O Desejo de Censura", saiu no jornal *O Estado de S. Paulo* em 31 de julho de 2011, no caderno especial "Sob Censura", página H7, H8 e H9. O segundo é um ensaio ("A imprensa brasileira") publicado no livro *Agenda Brasileira*, organizado por Lilia Moritz Schwarcz e André Botelho, pela Editora Companhia das Letras, 2011, pp. 266-277. A leitura, realizada durante a VI Conferência Legislativa sobre Liberdade de Expressão, na Câmara dos Deputados, em Brasília, em 23 de agosto de 2011, não seguiu rigorosamente o texto. Pequenos comentários foram introduzidos de improviso, e outras passagens foram abreviadas.

Hoje, em vários países, há discussões sobre a interferência do Poder Judiciário ou de alguma outra forma de controle estatal sobre o livre fluxo de idéias, opiniões e informações jornalísticas. Na Inglaterra e, de modo mais amplo, no Reino Unido, estão em pauta as chamadas "superinjunctions", medidas preventivas que impedem um jornal de tocar num assunto determinado e também o proibem de mencionar o impedimento.

Em nome da proteção à privacidade do indivíduo, o jornalismo vem sofrendo restrições, ou tentativas de restrições, quase sempre abusivas. Nos

(161) <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-dever-da-liberdade/>

Estados Unidos, tem prevalecido o entendimento de que, em casos de segurança nacional, os jornalistas não podem invocar o sigilo da fonte. Para os que cultivam a idéia de que a liberdade de imprensa tem lugar de pedra fundamental na democracia, há motivos de preocupação.

No Brasil, especialmente. A mentalidade autoritária, entre nós, não é apenas um fator conjuntural que distorce o debate público. Ela tem raízes mais fundas. Sem medo de errar, podemos dizer que ela está na estrutura da nossa instituição de Estado. Faz parte do DNA da nossa cultura política. Retarda, quando não inviabiliza, a consolidação histórica da ordem democrática. Trata-se de um anacronismo persistente que nos prende ao atraso. Essa mentalidade preserva o patrimonialismo e perpetua a opacidade na gestão pública, o mandonismo, o clientelismo e as formas mais ancestrais de corrupção. É ela quem fustiga os jornais e dissemina a ilusão de que jornalistas precisam de uma autoridade que lhes sirva de pajem, de feitor, de vigia. Preventivamente.

(...)

Pendor pela censura

Liberdade de imprensa, ao contrário do que alegam muitas das autoridades, não significa impunidade. É bem o contrário. A liberdade impõe uma enorme carga de responsabilidade aos jornalistas, que devem responder pelos excessos que praticarem – na Justiça. A liberdade não é um conforto, mas um dever para o jornalista. Quem tem direito à imprensa livre é a sociedade. Quanto ao jornalista, este tem o dever de exercer a sua liberdade e de construir, no exercício da sua profissão, as bases da imprensa livre. Em nome desse dever, que é a mais alta forma de respeito ao direito à informação do cidadão, muitos são os jornalistas que arriscam e mesmo perdem a vida.

Só o que cabe às autoridades é proteger a liberdade de imprensa e a integridade de seus profissionais. Da parte do Estado, o respeito à liberdade de imprensa se traduz numa renúncia: o governante de vocação democrática sabe se recusar a usar seu poder com o objetivo de interferir na mediação do debate público.

No Brasil, a mentalidade autoritária tem apreço pela figura do Estado senhor do monopólio da força. De outro lado, não aprendemos que não há democracia sem que o Estado renuncie a exercer controle prévio sobre fluxo das informações e das idéias na sociedade. E essa idéia é chave.

O Estado só existe quando, a favor dele, os cidadãos renunciam ao

uso da força, para lembrar aqui a noção que foi tão bem demonstrada por Weber, numa passagem clássica, em que ele cita o líder bolchevique León Trotsky, para o qual “todo Estado se funda na força”. Pois bem: assim como o Estado só existe quando detém o monopólio da violência, a democracia só existe quando, a favor dos cidadãos, o Estado renuncia à tentação de interferir sobre a formação, a manifestação e o trânsito das opiniões e das informações.

Dessa compreensão, lamentavelmente, estamos longe. Na nossa cultura política, a brutalidade do Estado se manifesta na falta de cerimônia com que as autoridades atacam a imprensa. Essa mentalidade, além do monopólio da força, pretende ter o monopólio da opinião.

Daí esse pendor pela censura, essa inclinação incorrigível de tomar conta dos jornalistas. O tema da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa continua na ordem do dia em nosso país. Houve avanços nessa matéria? Sim, houve. Mas a mentalidade autoritária ainda persiste, manifestando-se a toda hora. Se queremos liberdade, não podemos mais deixá-la tão à vontade.

Mídia brasileira à direita dos conservadores

Alberto Dines

06 de novembro de 2012, nº 719, ano 17¹⁶²

Em 2008, era Oba-Oba-Obama. Numa rara recaída idealista, nossa grande imprensa então o saudou como símbolo dos novos tempos, foi adjetivado como “pós-racial”, “pós-ideológico” e coroado como novo Roosevelt.

Na sexta-feira (2/11), quando começou a circular sua última edição antes das eleições americanas, o semanário *The Economist*, com 169 anos de existência, surpreendeu a fina flor do empresariado global com o endosso à reeleição de Barack Obama. O entusiasmo não foi o mesmo do pleito anterior, mas a opção foi inequívoca e jornalisticamente audaciosa:

(162) <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/midia-brasileira-a-direita-dos-conservadores/>